



Relatório de Gestão

Agosto 2026



Panorama

O mês de agosto foi marcado pela recuperação dos ativos globais, principalmente em função da forte temporada de resultados apresentados pelas empresas americanas para o 2º tri/26. Nosso mercado acionário destoou da alta internacional em função de preocupações com a proximidade das eleições presidenciais, com forte saída de fluxo externo no período. Somente no final do mês, a partir da divulgação de pesquisas mais favoráveis ao candidato de oposição, esse movimento começou a se inverter.

A bolsa de Nova York manteve a sua tendência de alta e o S&P 500 acumulou valorização superior a 12% no ano, renovando sua máxima histórica em meados do mês. Além da divulgação de uma temporada de balanços com elevado crescimento de lucros corporativos, puxado principalmente pela cadeia de semicondutores e *Big Techs*, o otimismo foi também alimentado por dados recentes de inflação que vieram abaixo do esperado, aumentando a perspectiva de que o FED não volte a subir os juros em seu próximo encontro. O Nasdaq e o Dow Jones também atingiram novas marcas históricas no mês.

Os mercados emergentes viveram dinâmicas distintas, com os países asiáticos sendo beneficiados em detrimento da América Latina. Na Ásia, mercados fortemente ligados à tecnologia e inteligência artificial, como Taiwan e Coreia do Sul, receberam forte fluxo de capital estrangeiro.

Já no Brasil, o Ibovespa encerrou agosto com uma leve queda de 0,33%, mas escondendo um período de extrema volatilidade. No pior momento do mês, o índice brasileiro chegou a acumular perdas superiores a 7% e 11 quedas consecutivas. Investidores internacionais retiraram R\$ 18,11 bilhões da B3 no pior mês para o capital estrangeiro em 2026 devido aos temores com a sustentabilidade fiscal do país e à proximidade das eleições.

A partir da segunda quinzena, o mercado iniciou um rali de recuperação com 9 altas seguidas. A virada foi puxada pelo investidor institucional local após dados mais favoráveis de inflação recentemente divulgados e, principalmente, pelo acirramento das pesquisas para a eleição presidencial de outubro, o que disparou compras táticas e gerou apostas de alternância de poder.

Com relação ao conflito EUA x Irã, a situação praticamente não se alterou durante as últimas semanas e a alta do petróleo permaneceu como fonte relevante de risco para os mercados, especialmente com relação à inflação mundial. O governo americano passou a adotar um tom mais duro de sanções contra as autoridades iranianas, o que gerou certo reflexo positivo no preço do óleo, mas ainda em patamar bem distante do preço da *commodity* antes do confronto dado que o fluxo comercial através do Estreito de Ormuz segue bastante limitado.

A economia americana tem divulgado alguns sinais de moderação no mercado de trabalho ao mesmo tempo em que dados recentes de inflação têm vindo mais favoráveis que suas expectativas de forma que, no início de agosto, o mercado reduziu as chances



de novas altas nos juros por parte do FED para o restante de 2026. Por outro lado, a questão de uma inflação acima da meta segue persistindo com a convergência dos indicadores ocorrendo de forma extremamente lenta. Assim, dado que as expectativas inflacionárias ainda continuam elevadas e distantes da meta, os dirigentes do FOMC continuam divididos com relação às próximas decisões.

Uma das questões mais importantes ocorridas em agosto foi o anúncio da intervenção do Tesouro americano em seu mercado de títulos após o rendimento do papel de 30 anos superar 5,30% a.a. e atingir o seu maior patamar desde 2007. Apesar de algum alívio inicial, a duração da melhora foi mínima, com as taxas voltando a subir logo depois. A interpretação do mercado foi clara: este tipo de intervenção não costuma funcionar dada a diferença de tamanho entre as recompras de títulos e o elevado déficit fiscal atual dos EUA, mas, principalmente pela desconfiança gerada por esse tipo de interferência no equilíbrio das taxas. A consequência gerada é um dólar vulnerável e mais fraco no mundo, além de uma corrida global por outras moedas e por ouro e prata.

Do ponto de vista de diversificação de ativos, dados os riscos atuais advindos da economia americana, que segue sendo bastante questionada na administração Trump, o enfraquecimento do dólar tende a ser bastante positivo para os mercados emergentes, principalmente para os produtores de *commodities* metálicas. Esta realocação de risco já ocorreu no início deste ano, quando o Brasil foi extremamente beneficiado pelo fluxo externo. A novidade do mercado de títulos americanos só corrobora a manutenção de um cenário de médio prazo em que países produtores de metais, petróleo e que possuam produção de energia limpa sigam recebendo recursos oriundos da mudança geopolítica global observada nos últimos semestres.

Em setembro, as pesquisas eleitorais no Brasil seguirão assumindo um papel cada vez maior na definição do cenário de nossa bolsa de valores. As mais recentes confirmam uma possibilidade crescente de mudança de governo, com a diferença de porcentagem de votos entre os dois principais candidatos a presidente se estreitando cada vez mais.

A probabilidade de vitória de um presidente com viés mais fiscalista e mais focado na redução de nossa dívida poderá gerar uma valorização bem relevante em nossos ativos de risco dado o *valuation* extremamente descontado existente atualmente em nossas empresas listadas. Num cenário como este, o fluxo tanto externo como interno migrando no curto prazo para a bolsa brasileira tenderá a ser significativo, tema já exaustivamente debatido por nós em cartas passadas.

Rio Ações FIA

	AGO/26	ANO	12 MESES	ACUMULADO
RIO AÇÕES FIA	0,53%	0,70%	7,25%	938,45%
IBOVESPA	-0,33%	10,11%	25,45%	298,87%
<i>Vs. Ibovespa (dif. p.p.)</i>	<i>0,85</i>	<i>-9,41</i>	<i>-18,20</i>	<i>639,58</i>
ATRIBUIÇÃO DE PERFORMANCE (%)				
Caixa	0,01	0,13	0,19	46,13
Large Caps	0,18	6,22	12,91	529,28
Mid Caps	0,50	-3,73	-3,54	661,94
Small Caps	0,00	-0,39	0,00	20,84
Custos	-0,17	-1,53	-2,30	-319,74
Total	0,53	0,70	7,25	938,45

Início: 26/10/2010 (fundo) 31/12/2006 (clube)

Em agosto, o Rio Ações FIA apresentou valorização de +0,53% contra uma queda de -0,33% de seu benchmark. Em 12 meses, o fundo obteve um ganho de +7,25% contra uma valorização de +25,45% do Ibovespa.

As principais contribuições positivas ponderadas pelos seus respectivos pesos em carteira ficaram por conta dos desempenhos de Aura BDR (+1,47%), Cyrela PN (+0,85%), Petrobrás PN (+0,72%), Vale ON (+0,24%) e PetroRio ON (+0,21%). Já as maiores contribuições negativas no mês foram advindas das performances de Lojas Renner ON (-1,34%), Itaúsa PN (-0,85%) e Grupo SBF ON (-0,57%).

O preço do petróleo seguiu valorizado no período devido à intensa indefinição sobre a reabertura do estreito de Ormuz. Nossas maiores contribuições positivas continuaram advindo da posição de Petrobrás em carteira, mas, principalmente, da forte valorização de Aura Minerals diante do excelente comportamento do ouro no mês.

Cyrela também apresentou boa recuperação em agosto. Conforme falado na carta anterior, o segmento de construção segue negociando em múltiplos de mercado muito depreciados, situação que só foi vista em pouquíssimas crises ao longo do tempo. Os bons resultados apresentados no momento pelas empresas listadas em bolsa, principalmente Cyrela, deveriam justificar valores de mercado bem mais elevados do que temos visto.

Já a maior perda veio de nossa posição em Lojas Renner, que divulgou um resultado trimestral menos otimista, com redução da lucratividade esperada para este ano. O alto nível de endividamento da população tem gerado uma expectativa mais negativa para o setor de consumo e varejo nacional. De qualquer forma, acreditamos que no nível atual de *valuation* de Lojas Renner, extremamente descontada em bolsa, este cenário já está mais que precificado. Portanto, não alteramos nossa posição nesta ação.

Continuamos praticamente alocados em 100% do PL do fundo dado o alto nível de assimetria positiva que enxergamos em nossas ações atualmente.



Rio Absoluto FIM

	AGO/26	ANO	12 MESES	ACUMULADO
RIO ABSOLUTO FIM	1,26%	-3,31%	-4,65%	138,61%
CDI	1,09%	9,32%	14,63%	202,56%
VS. CDI (%)	116%	-	-	68%
ATRIBUIÇÃO DE PERFORMANCE (%)				
Caixa	1,15	8,53	13,13	202,75
Trading	-0,05	0,16	-2,32	-6,95
Long/Short	0,18	-0,64	-0,82	0,38
Stock Picking (best ideas)	0,15	-11,19	-13,87	-2,32
Custos	-0,17	-0,18	-0,77	-55,25
Total	1,26	-3,31	-4,65	138,61

Início: 30/12/2014

No mês em análise, o Rio Absoluto FIM apresentou valorização de +1,26%, equivalendo a 116% do CDI.

Destaques por Estratégia

- Trading (-0,05%);

Destaques positivos: compras de VALE3 (+0,16%) e SUZB3 (+0,12%);

Destaque negativo: venda de S&P futuro (-0,39%);

- Long x Short (+0,18%);

Destaques positivos: compra de PETR3 X venda de PETR4 (+0,14%) e compra de ITSA4 X venda de ITUB4 (+0,10%);

- Stock Picking (+0,15%);

Destaques positivos: compras de GMAT4 (+0,47%), ANIM3 (+0,16%), CYRE3 (+0,14%) e INBR32 (+0,08%);

Destaques negativos: compras de AALR3 (-0,61%) e BABA34 (-0,13%);



Barracuda FIM

	AGO/26	ANO	12 MESES	ACUMULADO
BARRACUDA FIM	1,31%	13,65%	22,08%	59,35%
CDI	1,09%	9,32%	14,63%	35,70%
VS. CDI (%)	120%	146%	151%	166%

Início: 12/03/2024

Em agosto, o Barracuda FIM apresentou valorização de +1,31%, equivalendo a 120% do CDI. No ano, o fundo acumula +13,65% (146% do CDI) e, em 12 meses, +22,08% (151% do CDI).

Foi um mês devagar. Como vocês sabem, nossas estratégias vivem de distorções e essas distorções nascem de desequilíbrios entre pontas geradas por fluxo. Agosto teve movimento de preço de sobra, mas pouco desequilíbrio aproveitável. Diferentemente de junho e julho, quando o estrangeiro saiu de forma açodada e concentrada, a saída de agosto foi grande em volume, porém distribuída ao longo do mês e relativamente ordenada. O resultado, para nós, foi um cenário de menos oportunidades e janelas mais curtas para capturá-las.

O afluxo estrangeiro só começou a virar no fim do período e mesmo o rali da segunda quinzena foi puxado principalmente pelo institucional local. Vale registrar que 120% do CDI num mês assim não nos incomoda: a estratégia foi desenhada para não depender de direção, e um mês fraco em oportunidades se traduz em retorno menor, não em prejuízo.

Do lado do passivo, seguimos captando bem e nos aproximando a passos largos do fechamento do fundo. Conforme comunicamos na carta anterior, a captação permanece encerrada na plataforma do BTG e o crescimento tem vindo dos demais canais (Inter e Genial principalmente). A base do fundo está hoje 10x mais distribuída do que há dois meses, e a redução da dependência de um único distribuidor segue avançando de forma consistente. Reiteramos que esse trabalho é tão relevante quanto o de geração de retorno: um passivo bem distribuído é o que permite operar sem pressão de resgate concentrado nos momentos em que as distorções aparecem.

Para setembro, o cenário nos parece mais promissor do que o de agosto. A aproximação das eleições de outubro e o estreitamento nas pesquisas tendem a elevar a volatilidade e, sobretudo, a forçar reposicionamentos mais bruscos de carteiras — tanto de estrangeiros que voltarem quanto de locais que já se anteciparam. É nesse tipo de ambiente que o Barracuda opera melhor.

Equipe Rio Gestão de Recursos

